

Falta verba para substituir as escolas de lata

Os Cz\$ 137 milhões necessários para o início das obras de substituição das 15 escolas de lata da Fundação Educacional ainda não chegaram aos cofres do Governo do Distrito Federal. Segundo o Secretário de Educação Fábio Bruno, a Seplan (Secretaria de Planejamento) enviou um telex informando sobre a liberação da verba, mas ele não sabe quando será repassada à Secretaria de Finanças.

Depois que a Secretaria de Saúde constatou que o aço galvanizado — material usado para construir as escolas de lata — não era apropriado para a edificação de escolas e que faz mal à saúde das

crianças e professores, o governador José Aparecido solicitou à Seplan a liberação de Cz\$ 394 milhões para substituir os prédios de lata por outros de argamassa armada.

Poucos dias depois, a Secretaria de Educação anunciou a liberação dos Cz\$ 137, suficientes para substituição de cinco escolas. Fábio disse que a burocracia está emperrando o envio dos recursos para o GDF. Ele já fez uma reunião com a Novacap, que será responsável pelas obras. As novas instalações serão construídas pela fábrica do Governo, substituindo primeiro as escolas de lata da Candangolândia, Gama, Brazlândia e Planaltina.

Professores entre CUT e CGT

Os professores do Distrito Federal votam hoje a filiação em uma das centrais sindicais: CUT e CGT. Eles participam, juntamente com os auxiliares educacionais que já se filiaram à CUT, do 1º Congresso dos Trabalhadores em Educação do Distrito Federal. Segundo a presidente do Sindicato dos Professores, (Sinpro), Lúcia Carvalho, a discussão já é antiga e a categoria está preparada.

Lúcia Carvalho acha que é fundamental a filiação em uma das centrais, porque o Governo estaria tomando medidas que afetam todas as classes, enquanto os trabalhadores não estão unificados. "As reivindicações são comuns, a ação do Governo atinge a todos e precisamos dar uma resposta global contra a política econômica adotada", defendeu Lúcia. Simpatizante da CUT, a sindicalista acredita que sem filiação o Sinpro ficará à margem das lutas e da história.

Congresso

No 1º Congresso dos Trabalhadores em Educação do DF, que começou na sexta-feira e termina hoje, professores e servidores estão discutindo, no Centro de Convenções, a escola que interessa aos trabalhadores. Apesar de estarem divididos em categorias distintas, todos querem uma escola democrática que forme cidadãos críticos e não um exército de mão-de-obra desqualificada.

Lúcia Carvalho defende que a

escola é o meio principal de mudanças dos indivíduos e que os educadores precisam romper com o Estado. "Isto é, deixarem de reproduzir a ideologia dos governantes. Afinal, quem financia as escolas são os trabalhadores que pagam impostos e mensalidades", lembrou.

"Só uma revolução interior dos professores e servidores da educação poderá levar a uma ruptura com o Estado", ressaltou o professor Gilmar Rocha, conhecido como Magal. Segundo ele, há um corporativismo nas escolas públicas, em que os trabalhadores acostumados com pouco trabalho e baixos salários resistem a mudanças. Quando começou a lecionar, lembrou ele, um funcionário lhe disse "no início vocês são todos iguais, querem melhorar o ensino, mas acabam dando mais trabalho para a gente".

Mas se dependesse de Anísia Xavier Silva, auxiliar de limpeza da Escola Classe 48, da Ceilândia a situação seria diferente. Ela diz que em sua escola falta de tudo para a limpeza, principalmente desinfetante e Bombril. "Sem melhorar as condições de trabalho fica difícil", disse. Para Anísia, a escola deveria dar condições de trabalho e não fazer discriminação entre professores e servidores. E disse que sozinha não fará a escola que interessa ao trabalhador, mesmo porque, eles são os primeiros a dizer: "Assim a diretora não vai gostar".

Fim dos supletivos em debate

A União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas de Brasília (Umesb) promove na próxima quarta-feira, às 20h00, no auditório do Centro de Ensino Supletivo da Asa Sul (Cesas), reunião com todos os estudantes de cursos supletivos do Distrito Federal para discutir a decisão do Ministério da Educação (MEC) de extinguir os cursos supletivos. A Umesb convidou o secretário de Educação do DF, professor Fábio Bruno, e um representante do MEC, para explicarem aos alunos esta medida.

Segundo o diretor de Imprensa da Umesb, Donizete Moura de Jesus, ninguém está entendendo. "Ao invés de melhorar o curso, querem acabar com ele". Donizete explicou que a Umesb é contra a extinção do supletivo, porque tira a chance de estudo das pessoas que não podem frequentar a escola normalmente. «No Plano Quadrienal de Educação do GDF, divulgado na última sexta-feira pelo professor Fábio Bruno, já está eliminada a educação para adultos», denuncia o diretor.